

O alerta de um diplomata

Conhecido pela maneira polida como se refere aos problemas entre o Brasil e a comunidade financeira internacional, o então embaixador do Brasil nos EUA, Marcílio Marques Moreira, chegou a fazer duras críticas à incapacidade do FMI de levar em conta o ônus social e político para ajustar a economia dos países devedores. No livro *The Brazilian Quandary* (*A Perplexidade Brasileira*), escrito em 1986 e editado pela Priority Press Publications, Marcílio fez acusações ao FMI e alertou para o perigo de seu receituário provocar a ruptura social se levado ao pé da letra. A seguir trechos do livro:

□ **Remédios amargos** — O FMI tende a prescrever receitas monetárias que seriam mais adequadas a países ricos, considerando estressantes remédios de curto prazo em vez de remédios de longo prazo e ajustes estruturais, e tende a debitar toda a culpa e toda a pressão sobre os devedores, que são os mais fracos.

□ **FMI ronda** — O Brasil tem sido sacrificado por uma série de cartas de intenção irrealistas e conseqüentemente não executadas. O país sofreu os efeitos contraproducentes da recessão de 1981 a 1983, da inflação, e assistiu à forma mal dissimulada (*sloppy*) e pouco digna com a qual o governo anterior conduziu as relações com as missões do FMI, que rondavam (*wandered around*) Brasília — e até mesmo iam ao Palácio do Planalto — como se estivessem cumprindo missões além-mar numa era feudal ou colonial. (Marcílio se refere às missões do FMI durante o governo do general Figueiredo).

□ **Papel do Fundo** — O FMI não deveria impor condicionalidades unilateralmente, nem ser um auditor intransigente. Deveria agir como um observador inde-

pendente e analista. Isso não exclui, contudo, a necessidade de que o FMI, juntamente com o Banco Mundial, se dedique a planos de longo prazo, levando em conta as dimensões sociais do desenvolvimento. Em lugar de manter-se como o baluarte do monetarismo ortodoxo, o FMI deveria abrir-se a novas teorias e realidades.

□ **Limite** — Mesmo concedendo um desconto para os retóricos mais estridentes e profetas catastróficos, há, atualmente, amplo consenso de que a tolerância da sociedade tem sido forçada além de seus limites. Se as medidas de austeridade impostas pelos esforços de ajustamento, chamados de "fórmula do FMI", tivessem se tornado muito severas ou fossem mantidas por um período mais longo, elas teriam se tornado insuportáveis não só para as populações mais pobres, mas também para a classe média politicamente mobilizada. O problema, contudo, não pode ser atribuído apenas à dívida externa, pois é parte de um amplo processo de desenvolvimento adotado pelo Brasil.

□ **Ruptura** — Dívidas externas de grande dimensão não podem ser tratadas como problemas econômicos simplesmente. Fazer isso poderia causar a ruptura do tecido social e intensificar os problemas políticos.

□ **Ônus** — É possível argumentar que uma sociedade redemocratizada não deveria carregar todo o ônus de uma dívida contraída por um governo autoritário que ignorava a opinião pública, particularmente quando os tomadores de empréstimos eram quase que forçados pelos credores, embora a maior parte dos recursos tenha sido alocada em investimentos produtivos.